

Quilombolas do rio Pacajá

Portel PA

22

PROJETO

Mapeamento Social

como Instrumento
de Gestão Territorial
contra o Desmatamento
e a Devastação

PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DE POVOS
E COMUNIDADES TRADICIONAIS



**NOVA CARTOGRAFIA
SOCIAL DA AMAZÔNIA**



© UEA-Edições – Manaus, 2014

COORDENADOR GERAL

Alfredo Wagner Berno de Almeida

EDIÇÃO

Rosa E. Acevedo Marin

TRABALHO DE CAMPO

Rosa E. Acevedo Marin
PPGA/NAEA-UFPA, PNCSA
Eliana Teles Rodrigues
SEDUC, PNCSA

FOTOGRAFIA

Rosa E. Acevedo Marin
Eliana Teles Rodrigues
Edimar Amanajás Celestino

GEORREFERENCIAMENTO:

Eliana Teles Rodrigues
Daina Brito dos Santos
PDTU/NAEA/UFPA
Edimar Amanajás Celestino
PPGA/UFPA
Rosa E. Acevedo Marin

TRANSCRIÇÃO

Eliana Teles Rodrigues
Daiana Brito dos Santos

APOIO

Neirevaldo Nascimento de Andrade
ARQUICOSTT

COLABORAÇÃO NO TRABALHO DE CAMPO

Daina Brito dos Santos
PDTU/NAEA/UFPA
Edimar Amanajás Celestino
PPGA/UFPA

COLABORADORES SEMED PORTEL

Elizangela B. S. Vasconcelos
Ademar de Paula Mendonça Filho
Rita de Cácia Belo Oliveira
Benedita de Oliveira Bogéa
Josimar da Silva de Souza

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Design CASA 8



Participantes na Oficina: Miguel Lopes Costa, José Sandoval Candido do Nascimento, Manoel Lopes Costa, Maria Iandra da S. de Lima, Raene Moraes Tenório, Adelina Valeriana do Nascimento, Guaracy da Silva Moreira, Osvaldina do Socorro Nascimento dos Anjos, Raimundo Tito Cardoso Lacerda, Rosangela B. Sobrinho, Raimunda Alda Moraes, Michel Moraes da Silva, Vaneza Moraes da Silva, Clanilço Moreira Terra, Oziel Moraes Tenório, Lenilson Moraes Tenório, Elielson Moraes Tenório, Francely Tenório Moraes, Elienara Terra, Marines Moreira Terra, Elias Nascimento Moreira, Sonia de Souza Alves, Demetrio Costa Pantoja, Benedito Nascimento dos Anjos, Max Roberto Moreira Terra, Miguel Benedito da C. Nascimento, Josimar da Silva de Souza, Manoel do Socorro Nascimento dos Anjos, Simão Pereira dos Anjos, Clisciane Santos do Nascimento, Alcinda Severa do Nascimento, Neirevaldo Nascimento de Andrade, Benedita de Oliveira Bogéa, Rita de Cácia Belo Oliveira, Elizangela B. S. Vasconcelos, Elcione da Silva Dantas, Francisco Nascimento da Silva, Renaldo C. Dantas, Francinete Tenorio Moraes, Miguel do Espirito S. N. da Silva, Adriene Silva de Souza, Maria Luciele Pereira, Ronicley Anjos Teixeira, Robson Terra Brito, Daiana Silva Terra, Adelice Gomes dos Santos, Jelsileusa Tavares Terra, Rafaela Ramos Terra, Isolene Moraes Alves Ramos, Maria Agostinha Souza Costa, Ademar de Paula Mendonça Filho, Erica de Jesus Moura do Rio, Izoneide A. Moraes, Simone Marques

M297 Mapeamento social como instrumento de gestão territorial contra o desmatamento e a devastação: processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais: Quilombolas do Rio Pacajá, Portel Pará, 22 / coordenação geral do projeto, Alfredo Wagner Berno de Almeida, Rosa Elizabeth Acevedo Marin. – Manaus: UEA Edições, 2014.

20 p.: il. color. ; 27 cm.

ISBN 978-85-7883-308-4

1. Conflitos sociais. 2. Quilombolas - Pará. 3. Comunidades tradicionais. 4. Desmatamento. 5. Territorialidade. 6. Cartografia. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marin, Rosa Elizabeth Acevedo.

CDU 528.9:316.48(811.5)



Simião Pereira dos Anjos e o seu filho Benedito Nascimento dos Anjos participam da Oficina de Mapa

Vieram à vara e a remo

“Meus pais eram do Ceará, cearenses. Eles vieram de lá por causa de sede, que não chovia nesse tempo. Eles pra apararem uma água era de noite, assim no sereno. Caía aquela nuvem e aí caía na bacia e eles bebiam; aí eles viram que não aguentavam, eles estavam pra morrer. Eles se ajuntaram dez pessoas e vieram de lá pra cá. E vieram à vara e a remo. Vieram e quando chegaram em Breves ficou cinco e cinco veio pra cá. Aí quando chegaram ali no Cipoal, o papai ficou lá, os outros foram embora aqui pra riba (...)”.

“Nós era onze! Onze irmãos. Tudo nasceu aqui, tudo nós. O papai teve uma mulher pra lá, pro Ceará, mas deixou ela, aí quando chegou pra cá ele teve outra, aí deixou, se ajuntou com outra, deixou, aí se ajuntou com a mamãe. Casou com a mamãe, dessa uma foi que foi nós. Primeiro era o Otaviano, segundo era o Esmaelino, o outro era o Hilário, o outro era o Simião, o outro era o Julio, tudo homem. Cinco homens. Mulher eram: Veroca, era a Dina e a outra era Francisquinha. A outra era Isvaldina, a outra era Jacira, essas duas estão vivas, as outras já morreram tudinho. Dessas duas, uma mora em Belém e a outra mora pra cá. Ela vai passear pra lá porque a filha dela é casada com um homem lá em Belém. Ela passa um tempo lá e vem pra cá, ela tem filhos aqui, tem um que trabalha no ABC e outro é mais lá embaixo”. SIMIÃO PEREIRA DOS ANJOS

“O meu pai, a mãe dele era cearense, e essas famílias que vieram do Ceará eram dez famílias: cinco ficou em Breves e cinco veio pra cá, que é da família da minha mãe: eles vieram pra cá e ficaram tudo aqui (aponta a outra margem do rio). Agora eu não sei se era por causa de escravidão, não sei, só sei





“Eu nasci em 1942. Aqui no rio Cipoal, nasci e me criei” explica a senhora Adelina Valeriana do Nascimento. Ao seu lado, (direita) a senhora Alcinda Severa do Nascimento, reconhecida parteira e benzedeira do rio Pacajá

NA VALERIANA DO NASCIMENTO

“Eu só sei dizer, que o meu pai contava que, os escravos, quem liberou foi a princesa Izabel, ela foi que se pegou com o pai dela pra liberar os escravos. Agora, aí eu não sei se foi porque eu não vi, não é do meu tempo. O Dom Pedro Primeiro e o Dom Pedro Segundo, esse Dom Pedro Segundo é que tinha a filha chamada princesa Izabel. Aí ela se ajoelhou nos pés do pai dela pra liberar os escravos, aí quando foi de tarde, todo mundo foi tomar seu banho, trocou a roupa, aí pronto, foi pra frente. Que ela ficou com pena de ver os pobre trabalhar no sol quente, no meio da formiga de fogo. E lá na casa do papai, eu ainda vi o retrato desse homem, mas é que é papel, nê, se rasgou tudo! E papai contava isso: a princesa Izabel que liberou os escravos. Mas, eles não falavam da escravidão, eles falavam que vieram porque não tinha água. Eles bebiam água naqueles pocinho que chamavam bebedor. Pra lá, nesse tempo não tinha água, era seco e aí, eles vieram, agora não sei se era por causa da escravidão. Agora, desses que vieram, só tem uma velhinha que mora lá em cima, lá no Guarani, que essa uma, ainda é do tempo deles. Eu não sei quantos anos ela tem, mas ela é do tempo desses um, a tia Raimunda Ramos!”.

“No tempo deles, eles riscavam seringa. Agora eu sei eles moravam em retiro, acho que era pra fazer lavoura. Moravam tudo pro retiro, um bocado mesmo morava é no retiro. A minha mãe teve três: duas mulher e um homem, mas o menino morreu, aí o papai só criou nós duas. Agora com a outra mulher, ele tinha filho também, que a mamãe morreu e ele arrumou outra, mas tudo morando aí. Nós entre tudo os filhos do papai nós somos sete. Meu pai trabalhava na seringa, castanha. Aí parou o trabalho na seringa, ele trabalhava em madeira, em lavoura...Ele vendia pro patrão dele que eles viviam aqui mesmo, o patrão vinha de baixo. Primeiro ele vendia prum homem chamado Castanheira, morava ali embaixo desse lado daqui. Aí vendia pro homem que chamavam o Henrique, aí vendia pro homem que chamavam Pureza, trabalhava pro outro que chamava João Brabo. Vendia pra comprar o rancho, aí, se tirasse saldo, ele dava o dinheiro. Era! Meu pai, os filhos dele, ajudando ele, não tinha esse negócio de freguesia não, eles trabalhavam tudo.. aí juntava os deles e os do papai, aí ia vender. Nessa época não tinha negócio de firma. Nesse tempo que eles trabalhavam em seringa, não tinha esse negócio de fazenda pra cá não, era os comerciantezinhos que vinham e vendiam pra freguesiazinha”. ADELINA VALERIANA DO NASCIMENTO

que vieram porque não tinha água, nesse tempo era seco pra lá. Agora não, tem água, disque, mas nesse tempo era seco pra lá. Os meus avô eram de lá - da parte da minha mãe -, da parte do meu pai, era do Piauí, o pai do papai era piauiense e a mãe da mamãe que era cearense. E vieram tudo nessa canoa, dez famílias: cinco ficaram em Breves e cinco veio pra cá, pra esse lugar ali que chamam Cipoal, o Cipoal velho. Nós semos tudo dali de Cipoal, nascido e criado e criando filho, criando neto, tudo no Cipoal, ali é o Cipoal verdadeiro. É!”. ADELI-

Trabalhava em roça e castanha, também seringa, maçaranduba e depois a madeira

“Eles começaram a trabalhar é a madeira. Aí ele foi e trabalhou em roça, dava muita roça, muita mesmo! Tinha um arigó que ajudava eles, ele trabalhava em roça. Comprava bóia, comprava aquela traíra velha que o velho Guti vinha vender, aí ele comprava pro pessoal trabalhar...! Ele trabalhava em roça e castanha. Quando chegava o inverno ele ía pro alto, vinha e passava a Semana Santa aqui e voltava de novo, aí quando ele vinha parava pra trabalhar em roça. Primeiro a seringueira, depois a maçaranduba e depois a madeira. O seringal era qui mesmo, era lá defronte de casa aqui no Cipoal. Ainda tem seringa; faz muito anos que deixemo de cortar lá. Primeiro, o papai quando ele chegou pra cá, era com o machado que se cortava seringa, que eu ouvi a falar, mas eu nem sei como é, mas eu ainda vi o machado que ele cortava. Que lá quando ele morreu, aí ficou o meu tio, eu riscava demais! De lá eu risquei, e foi o tempo que eu me casei. Eu riscava, eu tirava maçaranduba, eu mariscava pele, no tempo do marisco. Tudo isso eu fazia: mariscava mantimento, tudo isso eu fazia. Eu caçava, tirava a pele de maracajá. A gente matava a anta, guariba e porcão. E aquilo nós pegava, botava as caças assim, botava no chão, ia andando e arrastando, aí chegava lá, pendurava. Aí vinha, comia, e ia esperar. Era onça pintada, tudo isso a gente matou”.

“Nós gastemos, parece, uns oito dias remando, nesse tempo não tinha esse negócio que tem hoje em dia: rebeta, motor. Quando eu me casei, tinha só o Henrique Moreira que tinha motor. Ele era comerciante. O papai trabalhou com ele e só largou ele quando ele morreu. Ele era o homem dos homens pra trabalhar. A castanha vendia pro Henrique, pro velho Gutierrez, ali na Boa Vista, arriba de Portel”. SIMIÃO PEREIRA DOS ANJOS

Eu casei e abri a roça, eu gostava de fazer roça grande

“Eu estava com 22 anos. Com 22 anos eu casei e abri a roça. No primeiro ano que eu me casei, eu comprei a farinha. Não tinha roça, por aí, era meio atrasado; a gente quando se casa assim é meio atrasado. Aí desse outro ano em diante eu não comprei mais, só fazendo. Agora, eu fazia minhas roças, eu gostava de fazer roça grande; mas eu não gostava de fazer farinha pra vender, minhas irmãs que vendiam, eu não. Eu fiz essa roça no Ana Igarapé. Onde o papai morou, bem na boca do Ana Igarapé. Eu moro lá também. Eu, quando me casei, eu morei aí, ainda vim morar uns dias pra cá, mas aí eu voltei pra lá de novo e a vida está acabando aí. E eu não tenho vontade de sair dali, eu não. Eu estou vendo que é um prejuízo pra mim, que eu já estou velho, não posso fazer roça, não posso derrubar, não posso mais roçar. É um garapé grande! É do lado esquerdo, de quem sobe. Esse igarapé, ele vai se acabar nos campos, é esse igarapé e o Tucumã Ipijô, lá embaixo no ABC. O Tucumã Ipijô é outro igarapé grande, se acaba cabeceira com cabeceira assim: ele de lá e esse daqui. Esse Tucumã Ipijô fica dentro da ABC!”. SIMIÃO PEREIRA DOS ANJOS

No rio Pacajá tem os Pereira, os Moreira, os Terra

“O do Ceará, papai, era Manoel Pereira da Costa, agora os outros rapaz...! Veio o Belarmino, veio muita gente que eu até esqueci do nome. Mas era o Manoel Raimundo, era o Dom Cipriano, era muita gente. Mas veio dez de lá, agora cinco ficou lá em Breves e cinco veio pra cá. Lá nas colônias a gente tem uma turma que é nosso parente. Nossos parente mora tudo na colônia. Os do Piauí. O Crispim, meu sogro, ele nasceu aqui, ele é filho do piauiense. O pai dele é do Piauí. E eles não vieram junto com o papai, vieram noutra canoa. Agora, o velho, veio só o pai dele, mas Crispim, ele nasceu aqui. Na canoa dele não veio dez, na dele veio menos. No dele veio quatro. Foi, ele vieram quase junto. O papai chegou primeiro e ele chegou por derradeiro. Quando ele chegou, o velho já tinha família. Eles não eram da escravidão. Era a questão da seca”.

“Essas terras aqui, uma parte era dos Pereira e do outro lado dos Moreira. Agora desse igarapé pra riba era da irmã dela, da Guaracy, a filha do Henrique. Essa parte de lá pra cá é dela, nós, é do



Senhora Raimunda Alda Moraes, a esquerda; Adelina Valeriana do Nascimento, a direita e a filha Osvaldina do Socorro Nascimento dos Anjos e vizinhas

igarapé pra baixo. Meu irmão Hilário foi morar lá embaixo. E o Otaviano morou aqui pra riba, eu esqueço o nome do terreno. Ele deixou sua roça ali. Na Bela Vista foi meu irmão mais novo, o Caetano. Minhas irmãs foram pro outro lado. Agora que elas foram, mas foi pra Belém. No rio Moconha morava era o senhor Aquimimo, mas ela já morreu. Agora mora os netos dele. Os Terra chegaram depois de nós. Nós morava ali do outro lado, eles tudinho vieram de lá. Aí depois casaram e veio pra cá. De lá era nosso e daqui era deles. Ele casou com a Guaracy que era casada com o Jaburu; ele morreu e ela ficou viúva e casou com Antonio Terra. Eram dois irmãos. O Antonio Terra casou com a Guaracy e o João Terra casou com a Alcinda minha cunhada, a irmã da minha mulher. Os mais velhos daqui é nós - o Antonio Terra e eu. Também está a Raimunda que mora aí pra riba. Ela está viva mesmo e ainda está boa de conversa, agora ela conversa muito compassado, mas a velha conversa muito. A casa dela é acima da Bela Vista, na Nossa Senhora do Carmo, lá adiante é a casa dela". SIMIÃO PEREIRA DOS ANJOS

“Esse rio Pacajá, Ave Maria! isso aqui era lugar de índio”

“Eu vi Malamá, o remorso deles, mas foi pouco. Agora o meu sogro, esse viu bem eles. Pra cá não andava ninguém. Não morava ninguém pra cá, não morava não, era só caboco. E o Crispim, já viu, ele pulava com a espingarda e vinha pra cá. Ele via caboco, agora não sei se ele matava; mas, os caboco moravam na mata. Eles moravam ali, que tem aquela folhazinha quebrada pra eles morarem, mas era uma casinha daqui pra acolá, mas era no mato. O caboco era o índio”. SIMIÃO PEREIRA DOS ANJOS

“Basta dizer que do Uirapuru pra cima - deste lado - não morava ninguém! Nem Aruanã, nem nada que eles invadiram. O Aruanã foi povoado três vezes, eles invadiram. Graças a Deus, Deus de São Miguel né, apareceu esse homem que amansou. O nome dele era Canço, agora nem sei por onde é que ele tá. Era o Canço com Carrinho, o homem que chamavam Carrinho, esses uns que amansaram. E eles pelejaram pra vim no Jutaituba, brabo, mas eles não vieram. Quando eles festejavam lá, eles contavam que quando eles vieram eles praí, eles contavam que vinham até perto dum juteiro que tinha assim né. Tinha a privada que a gente ia pra lá, disque eles escutavam



Senhora Guaracy da Silva Moreira acompanha o trabalho das crianças na elaboração de legendas

tudinho o movimento, mas quando eles faziam vançada pra frente, parece que tinha uma coisa que puxava eles pra traz e era São Miguel, Deus de São Miguel. Não vararam, porque trouxeram tudo, eles vieram, mas varar brabo não. E morava gente lá”. ADELINA VALERIANA DO NASCIMENTO

“Eu conheci. Eles moraram junto com nós. Depois que eles se amansaram, moraram junto com nós. Tinha a Luzia, ela que morava com nós. A Luzia, o Zê, esses um sabiam ler. Aí tinha o Takamon, Marakaton, tinha a Vanda, esses um ficaram manso. Aí tinha o Iaiú que morava com nós em casa. O papai mandou batizar ele e ele ficou morando com nós. Quando vieram buscar ele, ele foi embora pra Tucuruí, eles moravam pra Tucuruí, vieram buscar eles e eles foram embora. Aí levaram todinho os índios. Tinha um velho que tinha um pau furado no beíço assim, aí chamavam Tataravô. Foi eles que amansaram. Na festa no Jutaituba eles ficavam lá perto, eles viam quando a gente passava pra ir pro mato. Eles vinham até perto pra parar, aí se esqueciam, quando se espantava estava muito longe. Já era eles que estavam só....! Em pouco tempo ele amansou, quando foi no outro ano os índios já foram beijar a fita do São Miguel”. GUARACY DA SILVA MOREIRA

Zê Pereira vendeu a terra de São Miguel das Cachoeiras com nós dentro

“Onde está aquela Cikel, era nosso! Tudo esse povo! Aquele ali era doze casas lá! Aí apareceu um tio nosso, o pai dele era dono do lugar. O papai era vivo, o velho Pedro Taviano - o velho Pedro que tomava conta - aí chegou ele com esse negócio que era o pai dele que era o dono, o tar de João Redondo. E aí era parente, era primo do papai e tinha um documento do terreno. E puxou esse documento tudo e mostrou e tal, aí ficou morando no terreno também. Ele era patrão do Levindo Pureza, e ficou morando e fez uma conta muito alta, aí não teve como pagar. Aí foi quando passou os tempo, ele vendeu o terreno com tudo nós dentro e nós sem saber. Quando foi um dia, aí saiu a conversa que tava vendido o terreno - vendido? Aí quando foi um dia o papai disse: ‘Olha que ele morava pra lá onde o Sandoval mora, aí chamou o João e falou pro João que o Zê Pereira tinha vendido o terreno com todo mundo dentro, mas ninguém acredita, né. E nós fiquemo lá, quando foi um dia varou um homem lá e aí falou que, ou saía ou então ele ia enterrar todas as casas. Quem era que queria ficar enterrado debaixo da terra, né? Aí todo mundo ó, fiquemo aos



José Sandoval Candido do Nascimento elabora desenho preliminar do croqui

embolêu, embolêu, embolêu’. E eu disse - agora, sim! Umbora ver um terreno aí pra riba - aí nós fomo e moremo ali, mas era gapó e esses meninos, um bocado de coisa, eu digo: ‘ah, ninguém é porco pra ficar morando no gapó’. Aí foi que nós viemo pra cá pra esse pedaço aqui, foi quando o pessoal veio medir as terras, aí tiraram. Foi a minha valença! Nós tinha dois lote de terra, era um dele e um meu. Aí foi o tempo que ele morreu e apareceu essa mulher pra me ajudar, né. E nós fiquemo numa pior por causa que eu tinha feito um empréstimo, que era pra comprar madeira pra essa casa. Aí um dia o Simião, disse: ‘Mana tu não quer que te ajude? Mas será que essa mulher é amiga? Porque nós se criemo desde pequena, né’. Aí ela mandou recado e eu fui pra Portel, ela falou pra levar os documento tudinho que ela ia me ajudar”. ALCINDA SEVERA DO NASCIMENTO

“É onde o Crispim morava é da terra do São Miguel. É dentro da terra do São Miguel, que ele vendeu, mas separou, ficou um pedaço pro Santo, né. Foi com papel, ele pegou dinheiro sujo. Esse Zé Pereria, eu lembro que ele passou muito tempo, uns dois anos aí. Vendeu, que era a ABC, né!. Veio a ABC e foi que ele vendeu. Vendeu com 16 casas. Sairam de lá. Foi, porque eles prometeram jogar as casas de lá. Eles iam derrubar as casas, aí saíram. Quem saiu por derradeiro de lá foi meu cunhado, lá da onde o Pelé mora hoje, a derradeira casa. Falaram que iam jogar terra em cima da casa dele, ele pegou saiu de lá. Esse é o doutor Luiz, é o da ABC”.

GUARACY DA SILVA MOREIRA

“A história de São Miguel de Cipoal, foi assim. Por muitos anos meu pai festejou, na Martins, da Martins mudou pra cá pro Cipoal. Se deu um baile de 37 anos fazendo esse festejo. Aí meu pai faleceu e ficou eu e minha mãe aqui, por isso que paralisou a festividade, temo tentando renovar de novo daqui pra frente”. JOSÉ SANDOVAL CANDIDO DO NASCIMENTO

Trabalho na madeira

“Eu trabalhei em madeira demais! Trabalhei bolado, madeira bolada, eu torava ela com machado e bolava mesmo. Eu me acabei foi mais com essa madeira. Rapaz foi quase a vida toda! Depois de eu me casar foi quase a vida toda, eu me casei com 22 anos, com 23 eu comecei a trabalhar na madeira. Agora, não era mesmo todo o tempo: trabalhava um dia, parava outro. Era no verão. No inverno eu trabalhava muito pouco e eu trabalhava noutras coisas, fazia maçaranduba. Derrubava a maçaranduba e cortava até na ponta, aí ia ajuntar. Pegava uma colher assim pra tirar o leite. Eu trabalhei na maçaranduba cortada assim, trabalhei aguado pra fazer só o leite mesmo. A madeira era louro vermelho, sucupira, pau roxo e ucuúba e vendia não com dinheiro, com mercadoria; porque aqui era mais com mercadoria, dinheiro era muito pouco. Hoje ainda é pior (risos). A gente tira a madeira hoje em dia, aí o cabra compra, aí de lá vai embora diz que buscar dinheiro. Aí quando chega pra lá, quando chega aqui, ‘ah, não peguei dinheiro’. Às vezes, o cabra paga, ele coloca no bolso, mas ‘não peguei dinheiro, o cabra não me pagou’”. SIMIÃO PEREIRA DOS ANJOS

Instalação da ABC e denúncias sobre atos da CIKEL

“Ah, quando a ABC eles chegaram aqui a primeira vez, trouxeram o pique de lá, passaram perto de nossa casa no terreiro e não tinha gente, eu não queria mesmo. Aí eu fiquei assim, a gente não sabia como era o movimento, né. A gente era besta, aí vim embora de lá, vim morar pra cá. Aí quando foi depois o doutor Luiz disse pro meu filho Antônio – ‘cadê teu pai? diz pra ele vim morar pra cá’ que é aqui que é o terreno dele’ e eu voltei de novo pra lá. E ele veio fazendo o pique lá, passou até no lado de casa, aí passou o terreno de São Miguel, ele passou e tirou o



Diversos momentos do trabalho na elaboração dos croquis e das legendas

pedaço do terreno de São Miguel. A gente naquele tempo era muito besta demais, mais besta de que a gente é agora. E o cabra tudo de rio, a gente pensava que era isso dos outros, e que eles tinha pistoleiro, tinha tudo. Eles botaram pistoleiro!” SIMIÃO PEREIRA DOS ANJOS

“Nos vivia tranquilo, agora não. Agora pra entrar pra pertencer a terra deles, eles já querem brigar, não pode mexer né, que eles dizem que é deles. Tomaram conta disso aqui tudinho! De lá do Candiru até ali no Moconha. Acima do Moconha, eles tomaram conta de tudo”. GUARACY DA SILVA MOREIRA

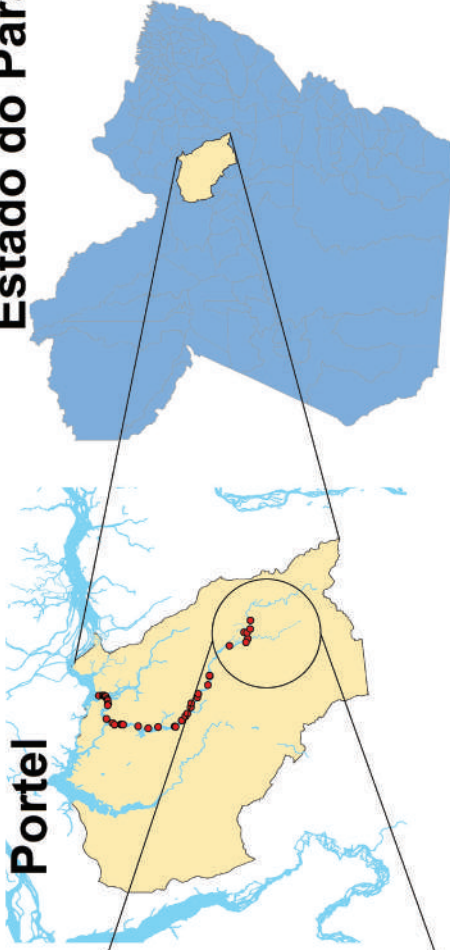
“A ABC estava com uns 37 anos e em 2000 alugou para a Cikel. Ela não quer que o pessoal ande pra dentro do rio, aí no mato né. E teve um rapaz daqui que foi caçar, eles pegaram ele tomaram a espingarda, fizeram tudo”. MANOEL DO SOCORRO DOS ANJOS DO NASCIMENTO

“É meu filho Elielson Alves Tenório. Tomaram a espingarda e ameaçaram matar ele. Ele foi mariscar mesmo, que ele trabalha lá pro Linhão e veio passar as férias comigo, aí ele disse: ‘Mamãe vou, matar uma paca pra nós comer’. Eu disse: ‘vai’ e ele foi. Quando chegou lá dentro no Ana Igarapé que eles diz que é deles, o Cipoal. Aí chegou diz que lá em cima, gritaram, aí ele gritou, que ele pensava que era os meninos daqui que estava pro mato. Aí ele gritou e quando respondeu que varou, eram seis policiais, botaram o armamento deles: ‘ou entrega ou morre, põe a mão assim. Ele botou a mão e disse assim: ‘Pelo amor de Deus tu não me mate’. Eles: ‘então entrega tudo o que tu tem’. Ele entregou, levaram tudo! Só entregaram o casco e o remo deles. Aí tomaram tudinho: roupa dele, lanterna, espingarda, deixaram só com o calçãozinho do corpo, até a camisa eles levaram. Levaram tudinho! Ele chegou sem ação aqui, chorando. Eu perguntei o que era ele não quis contar pra mim, depois que ele contou pro professor. Levaram a espingarda dele - novinha a espingarda dele - tá pra lá a espingarda. Eu digo: ‘eu vou é lá’. Elielson disse ‘mamãe num vá nem lá, num vá mexer. Num se meta que eu num gosto de confusão.’ O meu filho num tá aqui, trabalha lá pro Linhão, sozinha mesmo. Ameaçaram ele até matar ele, tomaram a espingarda dele - gente de lá, policial, segurança . Só deram o remo e o casco dele pra ele voltar - e ele voltô, remô remô até varar no igarapé e vim embora. Isso ocorre, a primeira vez. Aqui no nosso rio”. RAIMUNDA ALDA MORAES

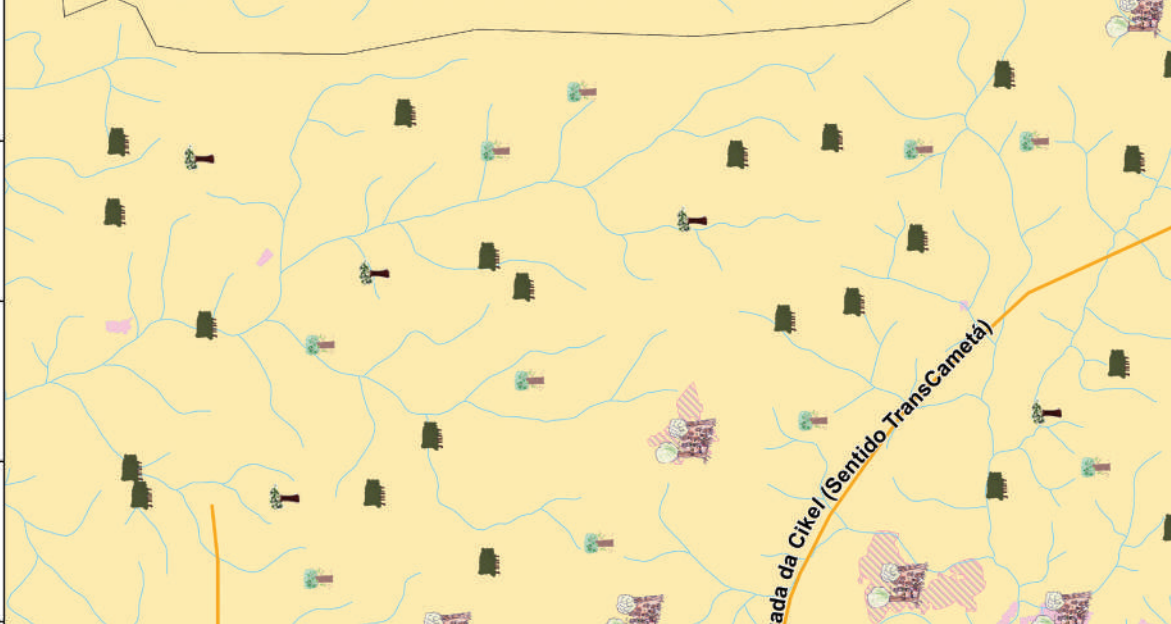
“Foi. Tudo isso falaram pra ele. Ele veio coitadinho, quase morto. Eu disse: ‘Que foi isso? - brincando - o que foi que aconteceu, tu mataste um viado? Ele disse: ‘Não mãe, não aconteceu nada. Depois que ele foi contar. Levaram tudo que era dele. A espingarda acho que tá pra lá ou já venderam, levaram tudo que ele tinha: lanterna, pilha, munição, cartucho, caçado, camisa

Estado do Pará

Portel

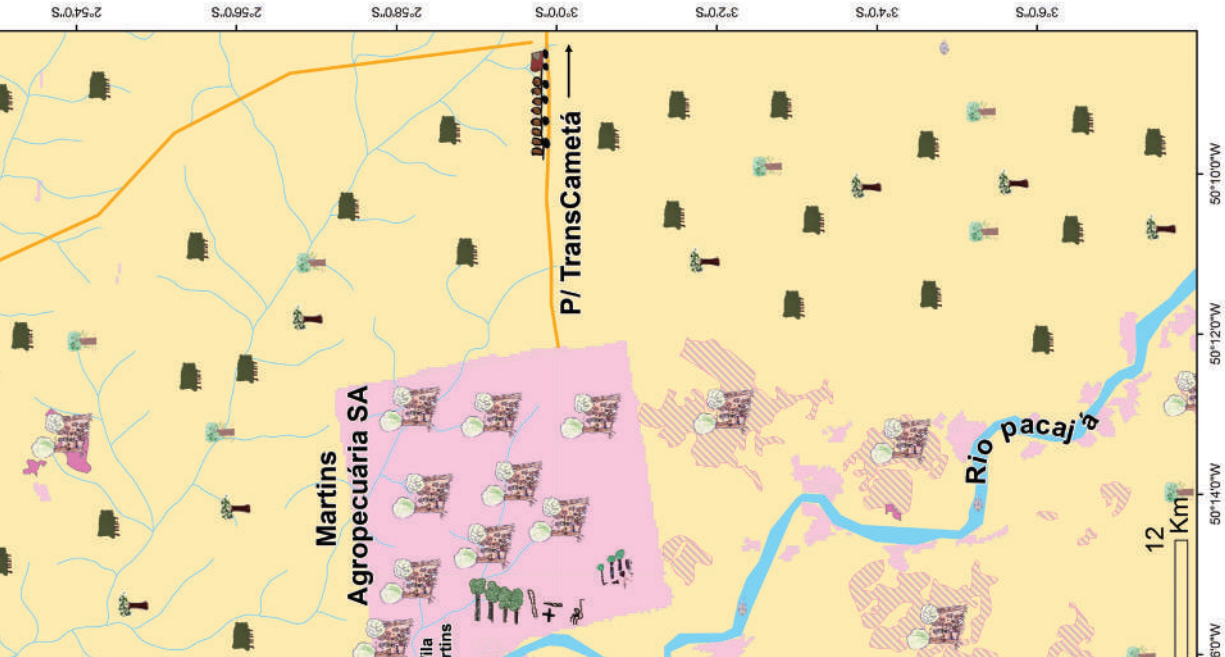


2°40'0"S 2°42'0"S 2°44'0"S 2°46'0"S 2°48'0"S 2°50'0"S 2°52'0"S



Legenda / Convenções Cartográficas

	Cikel Brasil Verde Madeiras LTDA		Castanheira
	Martins Agropecuária S/A		Maçaranduba
	Elmo Balbinot		Cacaueiro
	Serrarias		Piquizeiro
	Desmatamento (madeira de Lei)		Açaizeiro
	Desmatamento de Açaizeiro para retirar o palmito		Madereira de Lei
	Transporte fluvial de madeira de Lei		Várzea
	Transporte rodoviário de madeira de Lei		Boto Tucuxi
	Embarcação de viagem		Peixe Pá-Boca
	Rabeta		Arraia
			Cobra Grande
			Jacaré-Açú



Lagero do Rio Aruanã

Conflitos com Seguranças da Cikel



Canoa

Comunidade de São Sebastião do Cipoal



Ilha do Breu

Ilha do Seu Nestor

Desmatamento do ano de 2012

Desmatamento acumulado de 1997 até 2011

Desmatamento não lincenciado pela Sema-PA



Igreja

Casas

Campo de Futebol

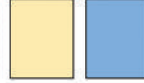
Cemitério

Retiro



Portel

Estado do Pará



Mandioca Pai Lourenço

Roças



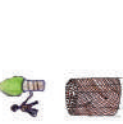
Hidrografia

Estrada de Chão



Seringal

Coleta de castanha do Pará



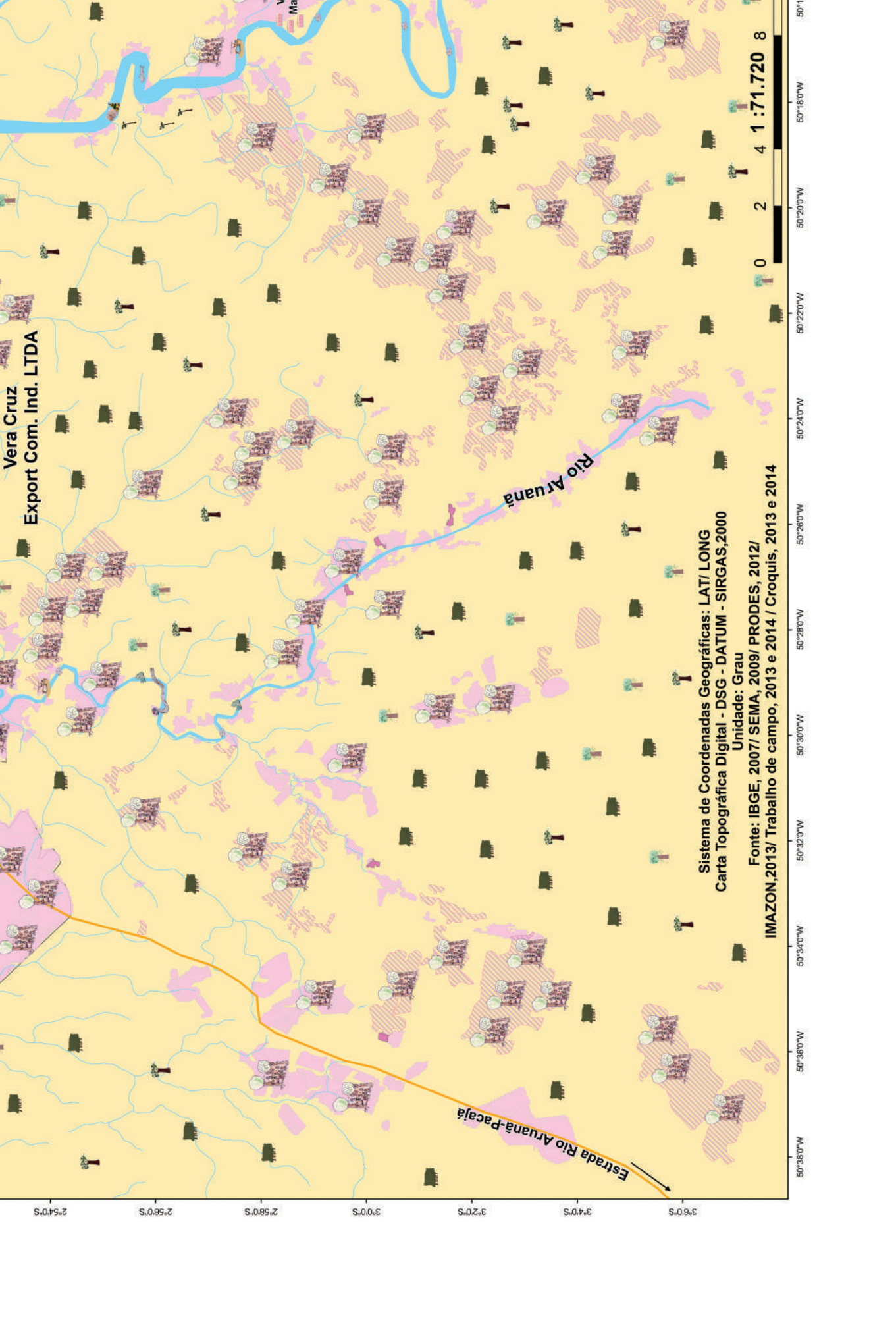
Equipe de Pesquisa:
 Rosa Elizabeth Acevedo Marin (PNCSA/UFGA), Eliana Teles Rodrigues (PNCSA/UFGA)
 Daiana Brito dos Santos (NAEA/UFGA), Edimir Amanajás Celestino (PPGA/UFGA)

Pontos de GPS:
 Rosa Elizabeth Acevedo Marin, Eliana Teles Rodrigues,
 Edimir Amanajás Celestino, Daiana Brito dos Santos

Cartografia e Edição Gráfica:
 Thiago Alan Guedes Sabino (PNCSA/ UFGA)

Realização:
 Quilombolas de São Sebastião do Cipoal- Portel-PA
 Belém, Outubro /2014





Vera Cruz
Export Com. Ind. LTDA

Rio Aruanã

Estrada Rio Aruanã-Pacajá

Sistema de Coordenadas Geográficas: LAT/ LONG
Carta Topográfica Digital - DSG - DATUM - SIRGAS, 2000

Unidade: Grau

Fonte: IBGE, 2007/ SEMA, 2009/ PRODES, 2012/
AMAZON, 2013/ Trabalho de campo, 2013 e 2014

0 2 4 6 8
1 : 71.720 8

2°54'0"S 2°56'0"S 2°58'0"S 3°0'0"S 3°2'0"S 3°4'0"S 3°6'0"S

50°38'0"W 50°36'0"W 50°34'0"W 50°32'0"W 50°30'0"W 50°28'0"W 50°26'0"W 50°24'0"W 50°22'0"W 50°20'0"W 50°18'0"W 50°16'0"W



Señor José Sandoval Candido do Nascimento fala sobre desmatamento

dele, short pra ele vestir de tarde. Só veio com o shortinho do corpo, o remo e o casco que deram pra ele, só, mais nada. A espingarda dele tava novinha que ele tinha mandado ajeitar, né. E eu ainda disse que eu queria ir lá pra poder receber. Ele disse 'Mãe, larga isso de mão. Larga isso de mão que ainda vai procurar bronca mais e eu num quero me intrometer. Aqueles policial ainda vão querer gritar com a senhora, larga de mão'. Larguei de mão, tá pra lá a espingarda".
RAIMUNDA ALDA MORAES

"Ele tinha matado um papagaio e eles(...). Ele tinha penado o papagaio, eles jogaram o papagaio n' água. Jogaram fora o papagaio que ele matou. E ainda disseram pra ele: 'Sai, embarca no teu casco e vai e num olha pra trás'". GUARACY DA SILVA MOREIRA

Desmatamento tem diferença! Uma empresa é diferente...

"Tão tirando a madeira, não só desmatamento, fica 50%. A madeira toda é o alvo, quebra um pouco, mas fica o desmatamento. Pelo menos 40% derrubando a madeira, é desmatamento. Olhe, pro ribeirão, baseadamente deveria, vou botar 5%. Uma empresa é diferente... Porque uma empresa pode botar, vamos dizer, pro desmatamento, vinte motosserras, uma empresa como a Martins pode botar cinquenta motosserras. O ribeirão quando se ele puder botar é uma motosserra porque se empresta do vizinho, que muitas vezes ele não tem uma, se tem, tá todo amarrado no canto da parede. Aí o verão já está terminado e ele precisa botar a rocinha dele e ele vai emprestar a do vizinho. Quando a dele tá ruim, ele empresta uma peça do vizinho pra botar a dele, pra poder derrubar a roça dele. E já uma empresa é diferente. É toda diferente. Uma empresa é uma empresa, quando ela entra, ela devasta. Serraria aqui só tem duas: Elmo Balbinot e a Cikel".
JOSÉ SANDOVAL CANDIDO DO NASCIMENTO

"Eu trabalhei na madeira. Porque na época que a gente se criou já era madeira. A seringa já tinha parado, essa balata a gente só sabe por conversa dos outros - que a gente não sabe o que foi. Mas a madeira, foi à época que eu me criei, desses 53 anos pra cá, no movimento dessa madeira como ainda está até hoje. Tá terminando a madeira, que a gente já está sabendo que está o sinal, mas a gente que não estudou, se criou nesse interior aqui, a senhora sabe: vida do interior...Trabalhei por minha conta mesmo, com meus esforços próprios mesmo. Eu nunca trabalhei empregado nenhum dia, eu não comprei uma caixa de fósforo ou dez reais com um dinheiro de uma diária de emprego, eu nunca fui empregado". JOSÉ SANDOVAL CANDIDO DO NASCIMENTO



Fotografia de uma carcasa carregando madeira e passando na frente de São Sebastião de Cipoal

“A grande empresa que é a Martins, né. Anos! Quase 30 anos tirando madeira e as grandes fazendas. A gente corre quilômetros, não é Profa Rita Belo? só de fazendas de grande desmatamento! A madeireira Martins parou por algum tempo, mas tem as fazendas, ela ficou só com a pecuária. E hoje está sendo construído, um grande projeto que se chama Madeireira Lima, que estão aprontando o alojamento que provavelmente já vão iniciar a extração de madeira. Esse projeto foi aprovado pra seis anos. A gente vê assim, né, andando pra cá pro alto Pacajá, a gente vê a grande devastação. Fazendas e madeireiras aqui, a gente vê muitas!”.
BENEDITA DE OLIVEIRA BOGÉA, SEMED PORTEL

“Eu trabalhei quatro anos na escola Elmo Balbinot, que é no outro braço do Aruanã. E lá justamente é, era uma empresa madeireira. Eles exploraram lá, cerca de quinze a dezoito anos e a empresa chegou a fechar no ano passado, devido não ter mais madeira. E aí toda a comunidade teve que migrar pra outros locais, o alunado diminuiu bastante e o número de funcionários e professores da escola também teve que migrar porque acabou o consumo da madeira lá. Esse ano retornou uma e existem bem poucas pessoas na comunidade. E lá, as estradas, pra todo lugar que tu vais tem entrada, pra todos os lugares onde eles iam, muito longe, buscar essa madeira e agora está totalmente devastado lá. E eu também queria colocar que na Martins, esse projeto que a professora Bena - a gente que trabalha direto aqui no rio, a gente vai até nas cachoeiras e vê é balsa cheia de madeira, como ela (Diana Brito) colocou, muitas vezes, irregular mesmo. E a gente tem feito um projeto da escola agora esses dias, no município de Joana Perez, a gente passou no alojamento que eles estão construindo pra essa nova empresa chamada Lima e o alojamento é imenso. Mais de cem homens vão trabalhar e o projeto é pra seis anos! Devastar a mata! Eles colocam que é pra manejo, fazem reflorestamento, mas é um projeto assim bem menor, o que eles plantam do que eles retiram da natureza mesmo. Na verdade, a Elmo Balbinot era bem extensa no início. Quando começou a devastar era muita gente mesmo, cerca de 70 a 80 famílias. Quando eu comecei a trabalhar lá já estava menor, tinha umas 40 famílias, num total de umas 200 pessoas e as três serrarias funcionando. E o único meio de trabalho lá, era mesmo na serraria. E aí como aconteceu essa falta, duas serrarias fecharam e o ano passado, a empresa demitiu 100% dos funcionários. E teve pessoas que por não terem opção, por já está lá há tanto tempo trabalhando, tipo quinze, vinte anos, optaram por ficar lá, vivendo de caça, de pesca, de outros trabalhos; abriram roças, essas coisas, ficaram lá. E a maioria migrou pra Portel... E foi bem difícil, a escola teve que parar o ano letivo muito antes do previsto, porque a gente ia parar 22 de dezembro, nós paramos dia 30 de novembro, porque as famílias precisavam ir embora, tipo assim: fechou, tem que ir embora procurar outros recursos”. BENEDITA DE OLIVEIRA BOGÉA, SEMED PORTEL

“A maioria dos trabalhadores vem de Portel mesmo, mas tem pessoal de Rondon do Pará, tem pessoal da cidade de Pacajá, das proximidades assim. E esse pessoal mora mesmo lá, produz família, casa, é uma vila mesmo. Tem assim umas quarenta casas lá e o pessoal mora lá mesmo, porque tem escola, posto de saúde, tem cantina, açougue, farmácia, uma vila bem estruturada. E aí o pessoal se prejudicou bastante porque tendo que tirar o filho da escola assim sem terminar o



Manoel do Socorro Nascimento dos Anjos mencionou algumas madeiras das florestas do Pacajá que foram retiradas pelas madeireiras: Maçaranduba, Jatobá, Cumaru, Esponja, Pavarana, Angelim Pedra, Cupuiba Melanceira, Ajaru branco, Ajaru vermelho, Guajará, Tatajuba, Ipê, Sucupira, Cedro vermelho, Andiroba



Os participantes da oficina estudam o mapa preliminar com a indicação das empresas madeireiras e áreas desmatadas

ano... Era barco cheio assim de mudança, toda a semana as famílias tinham que ir embora e quando foi 30 de novembro, que a gente fechou as aulas, ficou uma faixa de cinco famílias só. Eu até pedi transferência de lá devido esse processo. Nós tínhamos 375 alunos, desse total, agora tem 93, dos que retornaram. Que a escola continua funcionando lá, mas com apenas uma serraria, que está serrando madeira de uma outra empresa, que extrai, e eles estão buscando de muito longe a madeira, bem longe pra poder chegar lá". RITA DE CÂCIA BELO OLIVEIRA, SEMED PORTEL

"A ABC se instalou aqui embaixo. Aqui onde tem a pecuária é Formigal lá, agora onde é a serraria, descendo logo, uma hora nesse barco deve está chegando lá na empresa. Ela está parada, mas falam que vai funcionar. O forte mesmo da madeira, eram seus 15 anos pra traz, a data que nós temos, de 15 pra traz era muito forte! Na época era a Amacol que comprava na região, depois tem a ABC e a Martins que foi antes da ABC, a Martins aqui em cima é bem grande. A gente tirou um pouco nesse rio, um pouco no Aruanã. Quando estava ruim num lugar ia pro outro, mas sempre aqui tiremo mais, trabalhemos mais foi aqui. Mas só que nós viemos na madeira, na época, a madeira bolada - derrubada de machado - a senhora está entendendo? Derrubava de machado, de peito. Bolada é assim, fazendo força, só com os braços sabe, até jogar n'água, era só madeira que boiava. No nosso princípio foi por aí que veio."

"Carlos Pereira, português é o último que entrou. A Vera Cruz deve ter seus 16 anos, 15 anos pra cá. Só que ela foi uma empresa que de uns anos pra cá ela faliu, ela parou de arrenda a madeira dela no mato, sabe?! Esse Carlos Pereira vem pra Portel pega o delegado de polícia e vem sempre fazer umas pressão com povo aí, sabe?! É, sempre ele vem com o ribeirinho ali no Aruanã. Sabe, até essas terra na realidade o Carlos português ele não devastou assim derrubando de área em área. Ele fez (...) vender a madeira, grilou a madeira, as terra e vender as árvore de pau no mato pra os tiradô de madeira, sabe?! Ele não tem serraria aqui na região. Ah essa área até onde a senhora foi, os fundo ele diz que é tudo dele. Até daqui mesmo ele já diz que é tudo dele, esse bico entre o Pacajá e o Aruanã ele fala que é dele, até o remanso pra onde tem as cachoeira".

"O Balbinot é pra o lado de lá do Aruanã. É, ele é pra o lado daqui é. Eles tiveram conflito de terra eles dois empresários, eles tiveram conflito. Depois se pasiguaram, mas tiveram. O conflito é porque o Balbinot comprou uma área desse lado aqui dum cidadão e ele grilou né o português, grilou aí tiveram depois se ajeitaram. Teve uns amigos dele entrou no meio se ajeitaram mas eles andaram brigando. Na Vila do Carmo esse pessoal tem pressão pelo português. Pois é, nos temos dessa área aqui da Cikel aqui né, a descer né. Então, quem tá nessa área em cima disso aqui esse povo aqui. Já disse esse bico aqui pela boca do Aruanã aqui todo deve ser dele, ele fala. Um dia desses ele

pressionou um rapaz bem aqui um que estava tirando umas torinha numa balsa aí, ele veio de lá com o delegado e tal fez pressão anda com pistoleiro, é o Carlos português isso ele faz aí”.

“É, sempre foi esse povo sempre eu não me entrego pra eles. Essa senhora que passou a pouco tempo tirando nome aqui (...) da empresa ABC, eu avisei esse pessoal uns dias que sempre eu saio. Ela saiu de casa em casa tirando nome. Ela saiu de voadeira tirando o nome que era pra ajudar o ribeirinho, quando acaba eu vim descobrir que ela é funcionária da empresa pra poder agora esses dias tão se fazendo uns piqui aonde atrás de casa lá na nossa vila eu não vou deixar, eu não vou consentir. É pra autorizar a abertura de pique. Era isso, dizendo que ia fazer bolsa família. Se a senhora sair nessa beira de rio ver o tanto de gente carente que tem de casa em casa é de dá dó. Meu amigo, o ribeirinho pra receber uma bolsa família que a senhora sabe quanto é que é, se entrega por 200 reais as vezes 160 que dá seis criança. Ela saiu de casa em casa fazendo isso aí. Eu digo, gente não se entrega pra esse povo que é com traição”. JOSÉ SANDOVAL CANDIDO DO NASCIMENTO

Nós vamos apresentar o nosso mapa do rio Pacajá, margem direita

“Boa tarde a todos. Nós vamos apresentar o nosso mapa do rio Pacajá margem direita onde está a comunidade de São Sebastião¹. Nosso título é “Descendentes dos antigos moradores do rio Pacajá”. Começando aqui, rio Aruanã, temos aqui no rio Aruanã, os moradores da boca do rio, temos a lenda da Cobra Grande - que eu ainda não vi, mas diz que tem. Temos peixe; aqui temos os lajeiros, as cachoeiras, os castanhais e temos mais lajeiros aqui na cabeceira do Aruanã. Aqui na margem do Pacajá tem o igarapé Caminhadeira, na cabeceira desse Caminhadeira, os antigos lavradores trabalhavam em seringa. Aí subindo o Pacajá temos outros igarapés, temos o Fundinho, o Divisão, o Doce, o do Zé Luiz, o Furo, o Cajazeiro, o Mata Fome, o Cacau - temos uma varge aqui nesse Cacau que é antiga essa plantação de cacau que tem aqui, que é nativo mesmo. Aí temos o igarapé do Barro, o Chuva, o Sumaúma, o Laciaia, o Marajá e o Ana Cipó, o Boca Suja. Esses são os afluentes da metade do nosso mapa. Aqui temos uma estrada que sai daqui do rio Aruanã, onde temos as nossas roças e também o caminho por onde os alunos transitam até chegar na escola. Aqui é a roça do povo da comunidade, aqui nessa área aqui”. MIGUEL BENEDITO DA C. NASCIMENTO

“Vamos passar pra outra parte do mapa. Aqui nessa parte, a comunidade São Sebastião, temos como tradição a procissão fluvial e outras festividades locais. Aqui temos a construção de fogão de barro. Essa estrada que vem daqui do Aruanã é a mesma estrada que chega aqui à comunidade que os alunos transitam quando vão pra escola. Aqui assim, esse igarapé, o Juca, tem o Boca Larga, temos aqui o Marizal, nesse entorno do Marizal, tudo é varge. Temos o Catiçá e o Igarapé Grande. Aqui temos o cemitério onde os nossos antepassados estão enterrados aqui. E aqui todo dia 25 de outubro, as pessoas das duas comunidades e o povo em redor, fazemos a limpeza desse cemitério. E o encontro das duas comunidades e o povo que vive ao redor, nós encontra pra fazer a Iluminação no dia 2 de novembro. Desse cemitério tem uma estrada que vara aqui no garapé Adrianinho e os moradores aqui ao redor: suas roças, seus igarapés com peixe. Temos aqui o Paje-zinho e o Pajé Grande na mesma limitação: o povo aqui vive de pesca, caça, trabalha com a roça, e aqui tem o Pajé Grande”. MIGUEL BENEDITO DA C. NASCIMENTO

“A gente vamos passar para essa outra parte do mapa. Aqui passa o Pacajá, essa parte aqui é o Pajé, o Pajé Grande. Essa área aqui são a fazenda do Seu Benedito Brabo e aqui é o igarapé Areia, próximo dele, a gente tem uma vila, Nossa Senhora do Carmo, que é isso aqui. Aqui a gente tem uma estrada que vem até o Pajé, ao redor desse igarapé nós temos árvores, temos tudo na beira desse igarapé. Essa marca aqui, é a marca, que no caso, as pessoas que tomam conta dessa área,

1. Trata-se da margem esquerda do rio Pacajá onde se localiza a comunidade São Sebastião a qual está sob a jurisdição administrativa do INCRA. Os participantes indagaram a divisão entre “terras do INCRA” e “terras do ITERPA”.



“você não pode entrar. Essa área toda aqui debaixo é a área que a empresa Vera Cruz toma conta, que é a extração de madeira - tem motosserra, tem caminhão. Isso é o nosso mapa, o que a gente se lembrou. Pode ser que tenha mais coisas, mas foi a parte que conseguimos trabalhar suado e chegar até esse aqui nesse trabalho que a gente fez em grupo”. MIGUEL BENEDITO DA C. NASCIMENTO

“Olha, essa parte do mapa aqui, o desmatamento que a gente tem é só as nossas roças, que a gente faz uns pedaços de roça - é essas partes aqui que tem. Nessa parte aqui também tem as roças dos ribeirinhos que moram aqui: São Sebastião, aqui próximo ao cemitério. Já, o desmatamento, não geral, mas a parte de madeira, é essa área aqui: a Vera Cruz, que fica próximo de nós, próximo da Nossa Senhora do Carmo e também desse povo que ficam do cemitério até a Nossa Senhora do Carmo”. MIGUEL BENEDITO DA C. NASCIMENTO

“Ela já não tá como há dez anos atrás, toda essa nossa área aqui. O que ela ainda tem bém é peixe, nessa parte aqui e nessa parte aqui, por causa desses igarapés aqui. É onde tem mais alimento pra nós.

A roça tem vários tamanho. É dividido em seis donos, porque a gente fez primeiro uma roça grande, depois foi fazendo só nas capoeiras, não destruiu mais a mata. Aí um faz pra cá, outro faz pra cá, mas é só roça pequena, não é roça de alqueire, menos de um alqueire. Porque se a gente fizer um alqueire, do jeito que tá a farinha, o preço, estraga a mandioca porque dá muito trabalho, a gente não vai fazer pra vender. Se a gente fizer pra comer, um alqueire de roça é muita mandioca. Só temos a mandioca Pai Lourenço porque ela rende mais”. JANILSON E GUARACY DA SILVA MOREIRA



As equipes realizam a apresentação do croqui



Apresentação do segundo croqui elaborado durante a oficina

Croqui da margem direita do rio Pacajá

“Eu vou começar pela Cikel, nossos vizinhos, bem ali. Bem aqui Cikel, vocês tão vendo por aqui. Aqui o cipó, vou começar do Cipoal, vem aqui tá o rio Pacajá, Aqui o Ana Igarapé vem aqui. Aqui é um igarapezinho que sobe por detrás da vila - é Igarapezinho mermo, tá escrito -, aqui é o Tamanduá esse igarapé, aí até o Pupunha - por aqui uns boi que pula no igarapé que a água escorre. Agora vamo mais aqui embaixo, esses peixe que tá por dentro aqui ó tá tá tá peixe, aí vai embora o jacaré aí, aí vai embora peixe e uma cobra ali que ela tá meia. Aí vem mais pra frente, aqui passou pra cá o Igarapé Aningau, né. É isso aí? Ingazau, né. Tapinha - qual o outro aqui? Tapinha, esse aqui é? É outro igarapezinho. Aí tem as árvore aqui que eu não coisei, aqui tem o piquiá, tem o bacuri - tudo desenhado aqui nessa parte- , pra cá tem as árvores, açaizeiras, entendeu. Tem açaizeiras, aqui é retiro I - faz parte lá do fundo do amigo Pelé aqui, vai embora a CIKEL por aqui - vai embora vai embora. Aqui atrás é o Anel do Socorro, tá. Aí tá findando já aqui o nosso serviço, aqui é o rio Pacajá. Vocês tão vendo aqui ó, por aqui uma rabetinha ó funcionando, vocês tão vendo? Rabeta e mais uma canoa aí funcionando, como é o nome dessa canoa aí, fala aí Roberto?”.

“É uma canoa lá de fora lá dum outro país lá, num é aqui brasileira não. É, eu esqueço o nome - catraia parece. Então, aqui gente nos vamo passar aqui umas árvores - castanheira e vamo passar aí pra seringa, certo, aí a seringa tem 2 seringueiro, mas aqui só tá um. Vocês sabem como é o nome desse seringueiro? - Ahh é, o Simião é. Vocês de fora que tão visitante fazendo o trabalho com nois, vocês concorda que o Simião foi o seringueiro? Bom, aqui vai a seringueira aqui - o Simião riscando a seringueira ó, certo! Aí essa seringueira vai e foi embora, foi embora e foi embora. Aí acabou o verão, agora eu pergunto pra vocês de fora: Qual é a época que tira a seringueira e a maçaranduba?”.



Fase inicial de desenho do croqui



Equipe elabora o croqui da margem esquerda

“Simião tá fazendo bem aqui riscando o toco da seringueira com a faca, é de verão. No inverno, cabava o verão o Simião ia pra maçaranduba – dizem que cortava com dois machado, não sei se era. Então, o leite da seringa se tira na época do verão. E a maçaranduba – o leite se tirava na do inverno. Então vai por aqui e tal - essas seringa é essas árvore aqui, tá. Que o Simião tirava que a cumade passava no pé de açaí e tirava um cacho pra trazer junto com o leite da seringa. Aí passou por aqui, as veze matou macaco aqui na copa da seringueira riscando embaixo. Aí acabou o verão. O patrão naquele tempo que pegava os leite iam embora – Aí disse: ‘aí agora vocês vão tirar o leite da maçaranduba. Aí o Simião acabou o verão voltava pra casa, dava um cheiro na velha e tal – subia pra maçaranduba. Primeiro ele passava um mês tirando castanha do Pará, mês de janeiro. A chuva, chuvia mais pra dá leite nas árvores, pra tirar o leite. O Simião tava aqui pra essas maçaranduba aqui ó, nesse tempo derrubava de machado. Aí derrubava a árvore – chama roletto - os golpe pra sair o leite da casca, né. Simião derrubava essas maçaranduba – duas árvore dessa, se não desse pra encher duas lata ele derrubava mais um varão – que se chama uma árvore fina. Aí fazia as três lata. Aí ia raspar com uma colher – essas que a gente come comida, raspava com a colher no golpe que tinha o lethe da maçaranduba até encher as 2 lata, 3 lata - nera Simião? Aí vinha pra cá – isso quando num chovia. Quando a chuva que tava juntando leite, levava o leite da maçaranduba todo, perdia o serviço. Aí no outro dia fazia o mesmo serviço. Aí bom, o Simião tirou as maçaranduba, vinha e matava uma guariba aqui nessa outra árvore ou deixava esporada pra derrubar no outro dia, tá. Aí passou por aqui, o Simião vinha e tal indereitar essa ponta de maçaranduba aqui dava bem leite. Se não dava leite, ele largava essa maçaranduba daqui - eu vou derrubar essa daqui, que essa daqui tem mais leite. Tem umas que dá mais, tem umas que dá menos. Nem sei se a se-



Guaracy da Silva Moreira, a direita, acompanhada do coral e da filha no ato de cantos durante a oficina e abaixo a igreja de São Sebastião do Cipoal



nhora sabia disso, mas é assim a ciência, né. Bom, aí quando terminava – esse inverno, decorreu 6 meses isso aí, tirando o leite da maçaranduba de inverno na chuva. Tava chegando o verão, mês de julho. Aí voltava de novo e riscava as mesma seringueira, tá. Era os 6 mês de novo e assim continuo o Simião até ficar velho com a idade que tá. E aqui por baixo tirava um bacuri, tirava um açaí - por aqui vocês tão vendo o açaí. Pra ajudar no rango de tarde quando trazia o macaco ou a guariba, o tatu, uma paca ou veado. Um porção que tinha naquele tempo, né. Mas, também num esquecia de tirar o açaizinho que tava por aqui ó, tá pra ajudar isso aí. Então, essa aqui é a margem do rio Pacajá, tá certo. Aí, pra vila Martins, Vera Cruz é aquela informação que a gente passou. Não tanto que a gente não convive pra lá. Nois convivemo dentro do nosso, situação é importante pra nois explicar aquilo que mais a gente sabe. Então, aqui, essa árvore aqui é uma árvore de bacuri - mas num foi escrito, bacurí. Então, a informação que eu tenho pra passar pra vocês, é esta informação aí, tá. Essa cobra aqui ela tá assim meia venenosa, por isso o

olho dela tá vermelha. Então, o que eu tenho pra apresentar pra vocês aí gente, é esse mapa que nois fizemo aí com nossas ideia. E espero que isso vá acontecer, que nois tenha um respaldo de lá pra cá desse trabalho de ontem e hoje – eu to falando pra vocês. Então, eu quero agradecer a presença de vocês todos”. JOSÉ SANDOVAL CANDIDO DO NASCIMENTO

“Olha gente, aqui né nas roça, xô vê aqui onde foi a roça do seu Pelé – Cadê tua roça aqui Pelé? Temos a roça do seu Pelé aqui aonde os boi da CIKEL invadiram, né, que derrubaram tudo - é

aí? Comeram a mandioca, comeram o milho, né. Eu num sei agora se ainda tão varando, mas todos os dia eles varavam lá né pra destruir aqui o o trabalho aqui né do seu Benedito aqui. Eu acho que ele não foi recompensado em nada". MAX ROBERTO MOREIRA TERRA

Nós somos quilombolas por causa da nossa identidade

"Nós somos quilombolas por causa da nossa identidade. A identidade explica o que nós somos. E eu me sinto feliz de estar assim, de ser quem eu sou". GUARACY DA SILVA MOREIRA

"Acho que é a identidade da pessoa. Não importa a cor dele, se ele quer ser quilombola é a autoidentidade dele que vai dizer se ele é ou não, se quer ou não quer ser quilombola. É ele que vai se autoidentificar 'eu quero ser quilombola'". NEIREVALDO NASCIMENTO DE ANDRADE, QUILOMBOLA DE SÃO TOMÉ DE TAUÇU

Reivindicações

Carta da comunidade São Sebastião - Cipoal
Rio Pacajá no Município de Portel / Marajó / Pará
Assunto: Solicitação de Reconhecimento de Território
Quilombola.

Nós, moradores da Comunidade São Sebastião - Cipoal Rio Pacajá, nascemos e vivemos até os dias de hoje na referida comunidade, somos negros nossos antepassados eram negros, suas produções era voltada para plantação de milho, Arroz, Batata, Banana, plantação e culti vo da roça numa variedade de mandioca (pai branco, folhato, imbuca temos essa terra como herança de nossos pais, hoje procuramos manter essa mesma tradição em nossa comunidade realizamos a festividade de São Sebastião, padroeiro da comunidade e realizado todos os anos 8 dias de comemoração com regas em ladainhas (latim), Bungos e procissões. E entendemos que precisamos reparar todo modo de vida, de produção, nossa diversidade cultural para as futuras gerações desta comunidade.

Portanto, diante de tudo, vimos por meio desta carta solicitar junto aos órgãos competentes (Incrá ou Interpa) o reconhecimento de nosso território para que possamos garantir aos nossos filhos e netos o direito de viver e sobreviver em nosso território.

Portel, 03 de julho 2013

Assinaturas

- 01 - Guaracy Da Silva Moreira
- 02 - Immanuel Do Socorro N. dos Anjos



Reconhecimento do território quilombola

"Nós, moradores da comunidade de São Sebastião - Cipoal, Rio Pacajá... vimos por meio desta carta solicitar junto aos órgãos competentes (Incrá ou Interpa) o reconhecimento de nosso território para que possamos garantir aos nossos filhos e netos o direito de viver e sobreviver em nosso território" PORTEL, 03 DE JULHO 2013

Preservação dos recursos

Nos últimos anos, a gente vem sentindo falta de tudo daqui da beira, que tudo tá ficando pouco: a caça, o peixe, a madeira já tem pouco.

Transporte e venda da produção da roça

É que pra nós aqui, a única planta que você cultiva e vende é a mandioca. Você planta o milho, a macaxeira, a abóbora é só pro consumo. Porque se você plantar uma planta de abóbora que dê uns quinhentos quilos, isso vai estragar porque ninguém compra.

Fábrica para beneficiar arroz, mandioca nossa produção

É, a vez enquanto a gente corta uma tora porque não tem outra situação aqui, né. Se nós fizer duzentos fardo de farinha ou 200 fardo de arroz aqui não tem quem compre. Sempre eu falei pros empresário, eu já falei isso pra uns que a gente sempre conversa, eu disse, olha



Máquina de amassar açai na comunidade de Cipoal

a situação de vocês aqui é madeireira porque vocês trouxeram serraria pra cá. Não trouxeram fábrica de fazer arroz, não trouxeram uma outra atividade pra nós aqui, entendeu? Aí a gente se sujeitou nesse serviço também porque não tem.

Planta arroz é mandioca. (...) Mas se tiver cem fardo de farinha a nossa região aqui não compra, não tem onde colocar cem fardo de farinha. Aí, se tiver dez tora de madeira tem quem compre igual a senhora viu uma balsa ontem descendo, uma cheia e uma seca pra ir pegar dez tora dum ribeirão, vinte tora doutro e com isso vai passando porque não tem outra situação aqui, a situação é essa aí. Se a senhora procurar uma usina de arroz aqui não tem. Tem uma serraria na CIKEL, tem uma serraria no Balbinot e por aí deva ter mais umas e outras. Lá na cidade de Portel tem umas serraria, mas, uma usina de arroz a senhora não acha. Pra comprar um quilo de arroz tem que empacotado pra vim lá de fora.

Acesso à escola

No caso, esses alunos bem aqui, eles caminham todo esse trajeto aqui desde o Aruanã, pra chegar aqui na comunidade São Sebastião, ela dá uma base de 40 minutos a pé por dentro do mato.

FALANDO DE FASCÍCULO

por Guaracy da Silva
Moreira

I

O Fascículo e a casa
onde se descansa
do mundo.

II

O Fascículo é a casa
do tempo,
é a casa de tudo

III

Mar e rio
no mesmo fio
água doce salgada

IV

O fascículo é onde
a gente se esconde
em gruta encantada

CONTATOS

ASSOCIAÇÃO DOS REMANESCENTES DE
QUILOMBOLAS CIPOAL, RIO PACAJÁ, PORTEL –
ARQUISC

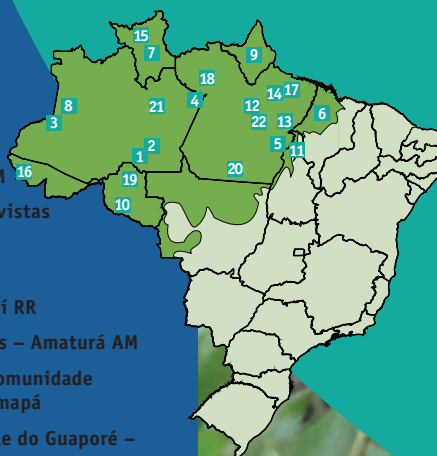
São Sebastião do Cipoal
Rio Pacajá, Município de Portel, Pará.



PROJETO
**Mapeamento
Social**

ASSOCIAÇÃO DOS
REMANESCENTES DE
QUILOMBOLAS CIPOAL,
RIO PACAJÁ, PORTEL -
ARQUISC

- 1 Comunidade do Paraizinho – Humaitá AM
- 2 Nossa Senhora Auxiliadora – Humaitá AM
- 3 Bom Jardim – Benjamin Constant AM
- 4 Quilombolas do Rio Andirá – Barreirinha AM
- 5 Quebradeiras de Coco Babaçu e Agroextrativistas do Sudeste do Pará
- 6 Terra indígena Pindaré – Bom Jardim MA
- 7 Trabalhadores Rurais do Cujubim – Caracará RR
- 8 Desmatamento e a devastação de castanhais – Amaturá AM
- 9 Associação de moradores e produtores da comunidade remanescente de Quilombolas do Rosa – Amapá
- 10 Quilombolas do Forte Príncipe da Beira, Vale do Guaporé – Costa Marques RO
- 11 Quilombolas da ilha de São Vicente – Araguatins TO
- 12 Quilombolas de São Tomé de Tauçú, Rio Acutipereira – Portel PA
- 13 Assentados e acampados no município de Rondon do Pará
- 14 Quilombolas do rio Mutuacá e seus afluentes – Curralinho PA
- 15 Invasão da acácia mangium nas terras indígenas de Roraima
- 16 Rede de Conhecimentos Tradicionais do Alto Juruá – Marechal Thaumaturgo AC
- 17 Comunidade remanescente de Quilombo dos Rios Arari e Gurupá em busca da liberdade
- 18 Quilombolas de Cachoeira Porteira – Alto Trombetas, Oriximiná PA
- 19 Ribeirinhos, extrativistas e moradores das comunidades deslocadas por hidrelétricas – Rio Madeira RO
- 20 Identidade e território Pastana Yudja Juruna – São Félix do Xingu PA e Santa Cruz do Xingu MT
- 21 Indígenas na luta contra a devastação em seus territórios – Rio Cuieiras, Manaus AM
- 22 Quilombolas do rio Pacajá – Portel PA



PROJETO EXECUTADO COM RECURSOS DO

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7283-308-4



9 788578 833084



REALIZAÇÃO

ASSOCIAÇÃO DOS
REMANESCENTES DE
QUILOMBOLAS CIPOAL,
RIO PACAJÁ, PORTEL -
ARQUISC

APOIO

UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

